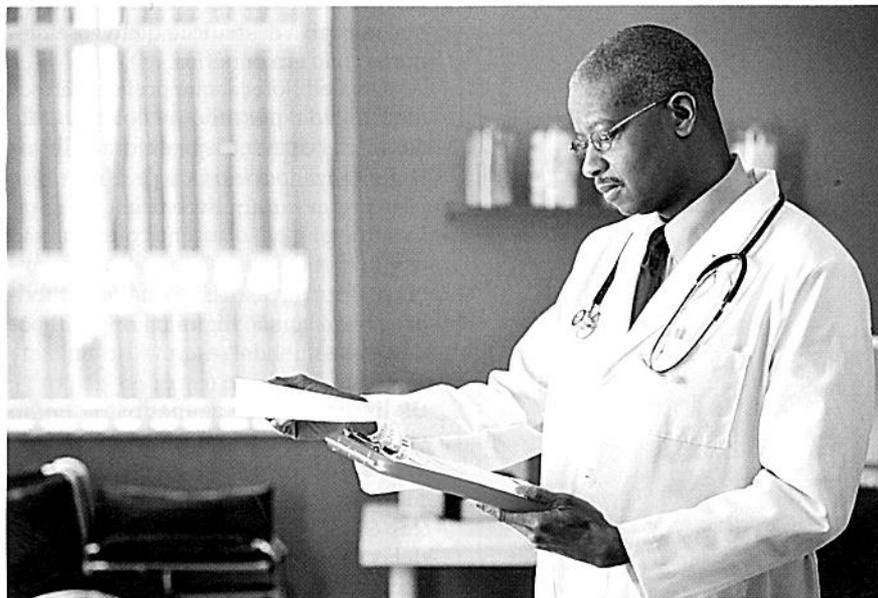


Nada como um médico da família

Os erros clínicos diminuem quando o paciente frequenta um profissional que conhece seu histórico **POR ROGÉRIO TUMA**



ISTOCKPHOTO

UM ESTUDO inglês da Universidade de Leicester, publicado por John Bankart na revista *Emergency Medical Journal* de junho, avaliou todas as visitas e internações em prontos-socorros de duas cidades inglesas por um ano e concluiu que pacientes que podiam ver seu médico de confiança deixavam de aparecer nos postos de emergência e também tinham um índice de internação hospitalar menor. Segundo o autor, essa era a única característica do sistema médico que interferia na ida ou não ao pronto atendimento. Todas as outras variáveis que aumentavam o índice de visitas hospitalares, como morar perto do hospital, idade avançada e sexo feminino, fugiam da administração pública e não poderiam ser modificadas. Em um país onde a medicina é socializada, escolher seu médico pode parecer luxo, mas na verdade é fator de economia para o sistema.

De outro lado, um estudo do *British Journal of Medicine* mostra que milhares de escoceses estão em perigo ao receber medicações e cirurgias de alto

“A mula é metade cavalo e metade burro, e não sai do lugar. É a natureza descobrindo seus enganos”

JOSH BILLINGS

Ruído. É melhor frequentar um médico de confiança do que consultar vários especialistas

risco, quando tratados por médicos generalistas. Segundo o professor Bruce Guthrie, autor do estudo, 6,5% das internações hospitalares são provocadas por efeitos colaterais de tratamentos e mais da metade delas poderiam ser evitadas. Isso ocorre por falta de padronização em procedimentos e de conhecimento específico do médico prescritor.

A revista *International Journal of Clinical Practice* deixa ainda mais claro que

o que vale é a organização da estrutura médica e não a qualidade de um só profissional. Pesquisadores de sete países identificaram que, de 11.910 pacientes consultados, 11% foram vítimas de erro médico entre 2005 e 2007. Os países estudados foram: Reino Unido, EUA, Canadá, Austrália, Nova Zelândia, Alemanha e Holanda, todos com boa estrutura de saúde.

Em locais onde o tratamento médico é pouco coordenado, o risco de erro médico é entre 110% e 200% maior. As barreiras econômicas que obrigam o médico a escolher outra opção pelo custo do tratamento aumentam o risco de erro entre 50% e 160%. E a interferência de barreiras econômicas, mesmo nos países ricos, ocorre entre 17% na Alemanha e até 30% na Holanda.

Segundo uma das autoras desse estudo, a doutora Christine Lu, da Harvard Medical School, o erro médico de prescrição atinge 6,5% dos pacientes hospitalizados e até 27% de pacientes ambulatoriais, e a principal causa é a falta de atendimento médico adequado. Isto é, a equipe médica e paramédica não é adequadamente estruturada para o atendimento da doença do paciente e não há um apoio especializado para dar a devida cobertura à equipe do primeiro atendimento.

Os fatores de risco ao erro médico identificados foram:

- Consultar dois ou mais especialistas.
- Ter sido internado nos últimos dois anos.
- Ter ido ao pronto-socorro duas ou mais vezes.
- Ter duas ou mais doenças crônicas.
- Ter depressão, diabetes ou câncer.
- Ter idade entre 18 e 29 anos ou mais de 65 anos.

Desses estudos tiramos a seguinte lição: ter um médico que conheça toda a sua história clínica e de sua família é fundamental. Esse médico precisa saber tudo o que acontece com você e deve ser o primeiro a ser consultado e a orientá-lo, mas, além das qualidades inerentes à atividade, esse profissional precisa ter a humildade de saber que não poderá resolver tudo e deverá ter um relacionamento profissional com bons especialistas que o ajudem em caso de problemas específicos. Além disso, é preciso ficar claro que toda decisão baseada em dinheiro, seja por economia, seja por desperdício, dobra o risco de complicações. ●